

CONTRIBUIÇÕES ÀS MULHERES NEGRAS PARA A SUPERAÇÃO CONTRA AS DISCRIMINAÇÕES

Vitório Alves Moreira Souza Santos¹, Julianne Pereira de Amorim², Paulo Hernandes Gonçalves da Silva³

¹ Acadêmico de Licenciatura em Computação – IFTO (Araguatins) – Bolsista SEFAZ/IFTO, e-mail vitorio.santos2@estudante.ifto.edu5;

² Acadêmica de Licenciatura em Ciências Biológicas – IFTO (Araguatins) – Bolsista PIBIC, e-mail: julianne.amorim@estudante.ifto.edu.br;

³ Doutor em Letras e Professor do Campus Araguatins do IFTO, e-mail paulohg@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A abordagem sobre a situação da mulher negra no Brasil é confirmada como marca de desigualdade social, ao se corroborar com as informações de diversos órgãos oficiais, como na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Pnad –, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), com base em dados de 2019, aponta que mais da metade dos brasileiros era de pretos ou pardos: 56,10%. As desigualdades podem ser verificadas em diversas estatísticas, entretanto, essas mazelas são ainda mais assustadoras quando se trata da mulher preta.

De maneira similar, os dados postos por De Deus (2022), evidenciam que esse desafio se sustenta com base em quatro vertentes: o preconceito de gênero (vivido por toda mulher), o de raça (que versa sobre a população preta e parda), o de classe (nos quais estão inseridos os mais vulneráveis), e o religioso (quando se tratar de matriz africana, face o aumento da referida intolerância).

Este artigo se justifica na formação do ser humano, numa perspectiva de valorização da mulher, tal qual a constituição exige, num princípio de igualdade. As atividades que foram desenvolvidas em Araguatins buscam, principalmente, formar e sensibilizar o público-alvo para a fruição de temas como programas governamentais de apoio, combate à violência contra a mulher, feminicídio, machismo, exploração sexual e trabalhista, misoginia, dentre outras.

2 OBJETIVO

Apresentar resultados finais de investigação sobre os desafios da mulher negra contra a discriminação, para a compreensão da importância de assegurar direitos e estratégias de empoderamento feminino, com foco em aspectos de gênero, raça, classe e religião na cidade de Araguatins-TO, com base em pesquisa articulada por meio do Edital nº 58/2024/IFTO/SEFAZ/FAPT/PIBIC.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia deste artigo se deu na revisão de literatura e nas teorias de análise do discurso e da fenomenologia, de acordo com Bardin (1977) e Orlandi (1999), considerando as interações com mulheres na cidade de Araguatins, em visitas realizadas em Araguatins: a) Delegacia da Mulher da Polícia Civil; b) Centro de Referência e Assistência Social – CRAS; c) Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV; e d) Comunidade Quilombola da Ilha de São Vicente.

Para Foucault (1969), o discurso tem nos seus elementos um processo constitutivo, sendo para ele como um grão que surge na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; conforme também um átomo no discurso, e por isso, subtende-se que os textos são elementos relevantes na análise emocional do ser humano, como no caso das vulnerabilidades

Ferreira (2014) traz a preocupação para que a pesquisa não seja apenas recorte, e para tanto, os objetivos propostos foram articulados em dois eixos: a) apresentação dos principais desafios da mulher negra na sociedade brasileira; b) demonstração de estratégias de superação de

discriminações e encaminhamentos para empoderamento dessas cidadãs, com base em quadro que evidencia os casos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Desafios da mulher negra na sociedade brasileira

A mulher negra é alvo de uma intersecção de discriminação: gênero, raça, classe e religião. Ao sofrer assédio pelo fato de ser mulher e negra; no primeiro caso é o gênero, no segundo, racismo e ainda por ser pobre, que é o terceiro caso, classismo; e por último a sua religiosidade, quando muitas vezes é considerada macumbeira, ao se atrelar negativamente a religiosidade afro-brasileira. Ela sofre a partir dos quatro pilares, conforme preceitua De Deus (2022). Essa é a grande problemática!

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), em seus documentos referentes ao mapa da violência contra a mulher, destaca-se que foram assassinadas 4.762 mulheres no país. Os dados são relativos ao ano de 2013, e se por um lado a taxa de homicídio entre as mulheres brancas caiu de 3,6 por 100 mil em 2003 para 3,2; infelizmente, a de mulheres negras, aumentou de 4,5 para 5,4 por cada 100 mil habitantes no mesmo período, ou seja, um crescimento de 19,5%. Essas conjunturas demonstram que foram assassinadas 66,7% mais negras do que brancas, no ano de 2013.

Nesta perspectiva, ações de diálogo foram conduzidas com as mulheres araguatinsenses para a compreensão desses desafios, conforme figura que segue:

Figura 1 – Ações no CRAS



Fonte: Pesquisa e campo (2025)

A partir dos diálogos, conforme figura 1, foi possível perceber que os obstáculos dizem respeito ao racismo, discriminação no mercado de trabalho, acesso limitado à educação e saúde, e falta de representatividade política, momento em que a combinação desses fatores pode levar a desigualdades sociais e econômicas mais profundas.

A referida conjuntura é fortalecida porque há uma grande sobreposição, segundo Biroli (2015), entre as mulheres negras e as classes populares, quando se nota as estatísticas nacionais. Para utilizar uma imagem sócio-demográfica: na base da pirâmide da pobreza no Brasil estão as mulheres negras, seguidas pelos homens negros. E, por isso, é necessário, à luz de Rios (2008), que os profissionais da educação, seja da área de diversidade ou não, lembrem-se do engajamento na promoção da diversidade, da equidade e da inclusão em todos os âmbitos.

4.2 Estratégias para superação das discriminações

Precisa-se fazer com que a mulher negra seja respeitada em todo os espaços. Assim, reforça-se os pensamentos de Davis (2016), pois o seu olhar teórico-analítico também serve de inspiração para compreender a situação das negras no Brasil. Em certo sentido, os efeitos coloniais dos tempos de escravidão (com a ideologia racista agregada) e os monstruosos impactos da “máquina” capitalista, que, por seu turno, desenha grandes zonas de exclusão social, desenvolveram com consequência uma subrepresentação da população negra na faixa da pobreza e, em especial, de sua parte “marcada” como mulher.

Por conseguinte, foram discutidas estratégias que articulem superação da problemática, conforme detalhadas a seguir:

Quadro 1 – Estratégia para as mulheres

Discriminação	Estratégias
Classe social	<ul style="list-style-type: none">✓ Combater a desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho;✓ Investir em programas de educação e capacitação profissional;✓ Implementar medidas de fiscalização para garantir os direitos trabalhistas;✓ Promover programas de sensibilização no ambiente de trabalho.
Gênero	<ul style="list-style-type: none">✓ Articular conscientização contra o machismo estrutural;✓ Divulgar os canais de denúncias à misoginia e preconceitos correlatos;✓ Estimular a organização em movimentos sociais e redes de apoio;✓ Divulgar a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006).
Grupo étnico	<ul style="list-style-type: none">✓ Fortalecer a conscientização sobre o racismo estrutural;✓ Desenvolver ações para fortalecer a autoestima e a identidade negras;✓ Valorizar a cultura, história e ancestralidade afro-brasileira;
Religiosidade	<ul style="list-style-type: none">✓ Reforçar a organização das comunidades religiosas e buscar apoio legal;✓ Incentivar as vítimas de racismo religioso a denunciar os crimes e violações;✓ Combater a desinformação e o estigma através da divulgação de informações corretas sobre as religiões afro-brasileiras e seus praticantes, tais como Candomblé e Umbanda.

Fonte: Pesquisa de campo

Além das estratégias expostas no quadro 1, foi perceptível entre as mulheres que para todas os preconceitos apontados é necessário fortalecer as políticas públicas para promover uma educação antirracista em Araguatins e em todo o território nacional. Logo, as desigualdades raciais e socioeconômicas expuseram as vicissitudes relacionadas aos serviços sociais básicos, tornam-se inacessíveis para a sobrevivência da comunidade negra e pobre. E por isso, Bezerra (2018) afirma:

Demais, não se deve ignorar o papel constitutivo da resistência no interior da dinâmica da dominação. Estas mulheres negras e pobres têm a possibilidade de verbalizar de tal modo as práticas racistas, sexistas e classistas, que o poder de dissimulação e transfiguração característico da violência simbólica encontra-se reduzido. Em contrapartida, o poder de corrosão da autoestima e da integridade psíquica desses sujeitos continua elevado. É como se houvesse um grande dispêndio de energia emocional em ter de estar todo momento “em uma trincheira de resistência” contra homens que tentam silenciá-las e vê-las reconduzidas ao seu suposto “destino biológico” (Bezerra, 2018, p. 32).

Tem relevância também, de acordo com Bezerra (2018), que o mundo social é integrado por práticas de assimilação, quando, por exemplo, as mulheres negras são “embranquecidas” e, por outro lado, dividido por distinções que se transfiguram como naturais, forjando justificativas para a condição de subalternidade das mulheres negras dentro de uma economia global capitalista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a discriminação contra a mulher é uma condição marcada pela desvalorização simbólica (quer moral ou sexual), pelas trajetórias profissionais, em geral, perpassadas pela informalidade e pelo pouco prestígio de suas funções, pela dupla ou tripla jornada, pelo pouco acesso ou difícil permanência à educação e por todo o cotidiano de violência seja simbólica ou “física”.

Não obstante, urge salvaguardar a integridade tanto física quanto psicológica da mulher, uma vez que a violência se tornou alarmante, deixando de ser interpretada como uma problemática individual e passando a ser reconhecida como questão social do Estado, que teve que disponibilizar punição, assistência, prevenção e estratégias como essas citadas nas discussões.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação do Grupo de Pesquisa “CES em Ação” do Campus Araguatins do IFTO, bem como aos seus membros, por nos permitir uma prática interdisciplinar. Somos gratos também ao Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI) do IFTO pelo fomento e apoio para a realização desta investigação, por meio do Edital nº 58/2024/IFTO/SEFAZ/ FAPT/PIBIC.

REFERÊNCIAS

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BEZERA, Lorena. **GÊNERO, RAÇA E CLASSE**: um olhar interseccional sobre a violência simbólica no cotidiano da universidade. 2018. Revista Feminismos Vol.6, N.2, Mai. – Ago., Disponível em www.feminismos.neim.ufba.br, acesso em 11mar2024.

BIROLI, Flávia. **Gênero, classe, raça**: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, 2015.

BRASIL. Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF, 08 de ago. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso em: 29mar2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DE DEUS, Z.A. **Interseccionalidades da mulher negra no Brasil**. Relatório da Universidade Federal do Pará. 2022. Disponível em www.ufpa.edu.br/mulhernegra, Acesso em 01ma2024.

FERREIRA, A. **Leitura e Escrita nas Redes Sociais**. Principia. IFPB, João Pessoa/PB, 2014.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1969.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Pnad**. 2020. Disponível em <https://ibge.br/pnad> Acesso em 15mar2025.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Mapa da Violência 2015**: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em www.onumulheres.org.br, acesso em 05mar2024.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes; 1999.

RIOS, Flavia Mateus. **Institucionalização do Movimento Negro no Brasil Contemporâneo**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2008.